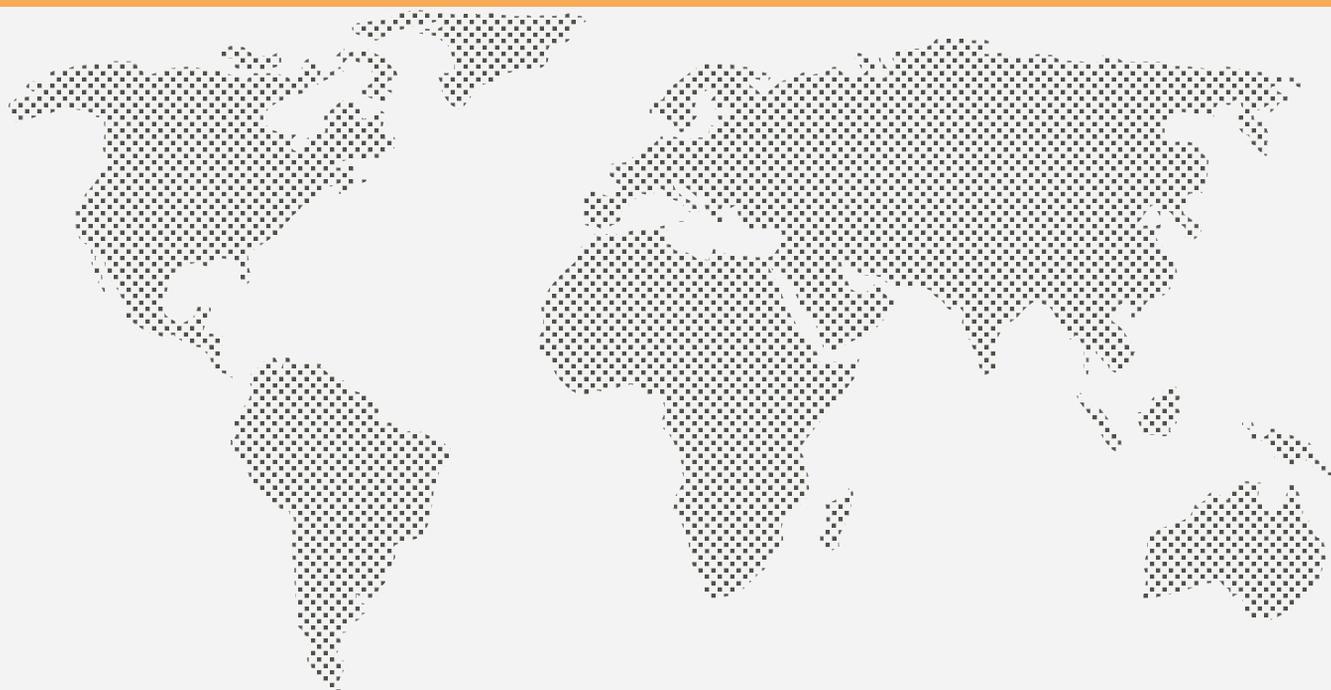




# EMPOWER

CONSULTORIA EM ANÁLISE ESTRATÉGICA E RISCO POLÍTICO



## EMPOWER ANTECIPA – Fevereiro 2021

### Relatório Mensal de Cenários Políticos



[www.empowerconsult.com.br](http://www.empowerconsult.com.br)



[contato@empowerconsult.com.br](mailto:contato@empowerconsult.com.br)



## EMPOWER ANTECIPA – Fevereiro/2021

### CENÁRIO POLÍTICO DOMÉSTICO

#### Funcionamento do Governo

Os dois primeiros anos (a metade) do governo de Jair Bolsonaro foram recheados de polêmicas - geradas pelo próprio presidente, seus filhos e seus ministros. Começamos agora a segunda metade do governo e alguns ministros seguem, como sempre, envolvidos em algum assunto controverso como, por exemplo, Ernesto Araújo, das Relações Exteriores. O imbróglio mais recente é o da compra de vacinas contra a COVID-19, que também envolve o Ministro da Saúde Eduardo Pazuello. As vacinas foram adquiridas apesar do ministro Araújo, que tem interlocução precária com a China e não deu a devida atenção à Índia. Pazuello se limita a repetir o que Bolsonaro dita, e sua falta de liderança no Ministério da Saúde é visível. Alguns apostam na queda iminente de um, do outro, ou dos dois. Entretanto, é pouco provável que qualquer um caia - a não ser que Bolsonaro encontre um cargo à altura para acomodá-los. O ministro da Educação não tem demonstrado firmeza na condução da sua pasta (vejam as idas e vindas do ENEM) e suas declarações mais recentes quanto ao seu papel como ministro não ajudam. O silêncio do presidente é interessante - nenhum comentário! Pode indicar que ele realmente não encara a educação como assunto prioritário, não considera Milton Ribeiro alguém por quem valha a pena brigar. As trocas nas presidências das duas casas do Congresso Nacional podem provocar alguma mudança pontual nos ministérios (os mais leais ao presidente continuam com a vaga garantida), mas nenhuma reforma ministerial significativa. A saída do presidente da Eletrobrás pode também provocar alguma mudança, mas mais pontual ainda. O fato é que Bolsonaro está de olho em 2022 e no momento só tem energia para polemizar com seu possível oponente nas eleições presidenciais, João Dória. Seu entorno só será alterado se ele julgar que facilitará sua reeleição.

#### Relação entre os poderes

As eleições para as presidências das duas casas do Congresso confirmaram o favoritismo do deputado federal Arthur Lira (PP-AL) e do senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG). A Câmara passa a ser comandada diretamente pelo Centrão, que derrotou o grupo do ex-presidente Rodrigo Maia (DEM-RJ). No Senado, a continuidade com a gestão de Davi Alcolumbre (DEM-AP) é bastante evidente. Tanto Lira como Pacheco terão direito à reeleição no início da próxima legislatura, daqui a dois anos. O Palácio do Planalto apoiava os dois candidatos vitoriosos, mas nenhum deles pode ser considerado um “bolsonarista raiz”. A narrativa de que Bolsonaro terá agora carta branca para navegar no Congresso não tem o menor fundamento. Na verdade, foi o Planalto quem acabou cedendo (parcialmente) às regras do jogo do presidencialismo de coalizão. O governo Bolsonaro segue sem ter uma base de apoio majoritária no Congresso, e apenas uma reforma ministerial orientada por critérios partidários mudaria esse cenário. Vejamos se o mês de fevereiro continuará trazendo sinais de maior coordenação entre executivo e legislativo.



## Opinião pública

O ano de 2021 não começou com boas notícias para o governo nas pesquisas. Os índices de popularidade do presidente Bolsonaro têm caído desde o final do ano passado. No último trimestre de 2020, a média dos índices de avaliação positiva do governo havia sido de 37,9%, contra 32,0% de avaliação negativa. Já em janeiro, estas mesmas médias (medidas pelos principais institutos) caíram, respectivamente, para 31,5% e 40,0%. A queda vem sendo atribuída tanto à falta de liderança do presidente neste início de vacinação contra o coronavírus, como também à recente extinção do auxílio emergencial. No entanto, ainda são números que afastam do horizonte um cenário de impeachment, e que deixam Bolsonaro no páreo para a sua própria sucessão. Fevereiro será um mês decisivo para avaliar se o sangramento da popularidade do governo foi algo efêmero ou se é mesmo uma tendência sustentável.

## Reformas econômicas

As vitórias de Arthur Lira e de Rodrigo Pacheco se deram, coincidentemente, por placares muito próximos do quórum de três quintos necessário para a aprovação de emendas constitucionais. Lira foi eleito com 302 votos (6 a menos que o quórum de 308 deputados), enquanto Pacheco recebeu 57 votos (8 a mais que o quórum de 49 senadores). Mas é preciso frisar que as coalizões formadas ao redor de ambos não são necessariamente coalizões para votação de reformas. A agenda econômica do ministro Paulo Guedes no Congresso (reforma tributária, reforma administrativa, a PEC emergencial e a PEC do pacto federativo, por exemplo) respirou por aparelhos em 2020, e a sua aprovação não é algo politicamente trivial num momento em que a prioridade dos congressistas ainda continua sendo o combate aos efeitos sociais negativos da pandemia. Seja como for, ao menos potencialmente, parece haver espaço para avanços em algumas reformas nos próximos meses. Fevereiro, no entanto, poderá ser no máximo um mês de testes para avaliar as chances de avanços na agenda de reformas, pois há um estoque de seis medidas provisórias prestes a caducar (inclusive a MP do setor elétrico). A instalação da Comissão Mista de Orçamento também seria um sinal positivo para destravar a tramitação da lei orçamentária e de outras medidas no campo fiscal.

### *Hot Topics*

O início da vacinação da população brasileira contra o coronavírus, em janeiro, foi merecidamente comemorado como uma boa notícia de que o país estava precisando. Até o momento, no entanto, apenas cerca de 1% dos brasileiros (os profissionais da saúde, essencialmente) já receberam a primeira dose de uma das duas vacinas disponíveis. Ao longo de fevereiro, a campanha de vacinação começará também a chegar à população em geral, começando pelos mais idosos. Os efeitos da imunização sobre a opinião pública, ao longo de todo o primeiro semestre, precisam ser atentamente observados. A popularidade dos prováveis protagonistas da futura sucessão presidencial está em jogo.



## O BRASIL E O MUNDO

### Comércio Internacional

O início das campanhas de vacinação em diversos países do globo, o início do governo de Joe Biden nos EUA e a perspectiva de nova liderança na Organização Mundial de Comércio (OMC) geram otimismo para retomada do crescimento do comércio internacional, mas ainda é preciso cautela e a tendência é de não observarmos mudanças significativas nos índices mais relevantes em fevereiro. A guerra comercial entre EUA e China não acabou e, embora o governo Biden tenha assumido uma postura mais conciliadora no discurso, na prática as medidas tarifárias restritivas permanecem e não há sinal de recuo. Ao mesmo tempo, a China avança regionalmente na formulação e criação de parcerias com países asiáticos e do Pacífico. Especialmente pelo momento de relativa inércia da OMC e em um ambiente carregado de medidas protecionistas, o impacto das relações entre a União Europeia com o Reino Unido e com a China merecem atenção, bem como entre a UE e o Reino Unido com os EUA.

### Governança Global

As atenções do mundo estão e permanecerão, em fevereiro, concentradas na geopolítica da vacina, nas ações do novo governo nos EUA e nas consequências do Brexit. O Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, convocou os países-membros para ações de reconstrução econômica e transformações, tendo as vacinas como vetores e a cooperação como caminho. A expectativa é de crescente participação dos EUA nos fóruns multilaterais, com destaque para assuntos relacionados ao meio-ambiente e ao comércio internacional.

### Segurança Internacional

As tensões na Líbia seguem gerando desconforto nas relações diplomáticas entre os EUA, a Rússia, a Turquia e também os Emirados Árabes Unidos. A manutenção do acordo de cessar-fogo seguirá nos holofotes ao longo do mês. Assim como na Líbia, na Síria e em outras regiões afetadas por conflitos, preocupações com a escalada na crise humanitária ganham relevância no contexto político internacional. A combinação de mudanças climáticas, conflitos e a crise sanitária do COVID-19 elevam consideravelmente o risco de novas crises e da necessidade de proteção e assistência humanitária, em especial no Oriente Médio e na África. Joe Biden já deixou claras as suas intenções de restabelecer e revitalizar as relações transatlânticas através da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

#### *Hot Topics*

Merece atenção as ações do recém empossado presidente dos Estados Unidos. Na área internacional, seu governo tem priorizado o contato com aliados históricos, dando claras demonstrações da volta do multilateralismo. Ainda não está claro como será a relação com a China, mas tudo indica que o tom deverá mudar, mas a política iniciada por Trump não mudará. Para isso Biden espera angariar apoio dos aliados, eliminando ou diminuindo muito o confronto direto com o país. Ainda não houve comunicação oficial com o Brasil e não se espera que haverá alguma ligação tão cedo, a não ser que seja por iniciativa do Presidente Bolsonaro.



---

## Expediente

A Empower oferece a seus clientes serviços aprofundados de análise de risco político, de planejamentos estratégico e de gestão e gerenciamento de crise visando consolidar negócios no Brasil e no exterior.

### Conteúdo

Vera do Val Galante  
Luís Pedroso  
Rogério Schmitt  
Benício Schmidt

### Diagramação

Paulo Cesar Galante Siqueira

---